

SITUAÇÃO DO CAFÉ E A FORMULAÇÃO DO PLANO DA SAFRA DE 1964/65

Eng.º Agr.º RUBENS ARAÚJO DIAS

SITUAÇÃO MUNDIAL

O desenvolvimento da situação mundial de café sofreu uma inversão a partir da safra de 1963/64, pela quebra da continuidade de safras sempre superiores às necessidades de consumo. Assim, se obteve, nessa safra, uma produção exportável em um nível inferior ao do quadriênio de 1959/62, quando se produzia, em média, cerca de 60 milhões de sacas. Aquela inversão deverá se mostrar ainda mais nítida no decorrer da safra de 1964/65, pois em virtude da drástica redução da safra brasileira, deveremos ter uma pequena safra mundial, inferior mesmo a 40 milhões de sacas.

O consumo mundial de café vem aumentando significativamente nos últimos anos, a uma taxa anual em torno de 3%. Os dados de importação mundial indicativos dos de consumo, atingiram em 1963 a um nível recorde de pouco mais de 48 milhões de sacas, prevendo-se que no corrente ano se ultra-

passa os 50 milhões de sacas.

Assim, em duas safras consecutivas ter-se-á produções exportáveis inferiores às importações, podendo-se, em consequência, esperar reduções nos estoques remanescentes, da ordem de 12 a 13 milhões de sacas.

Os dados apresentados no Quadro I referentes à produção e importações mundiais apontam essa situação e destacam a decidida influência que as colheitas brasileiras têm no volume total produzido, embora se deva salientar que na safra de 1963/64, pela primeira vez na história cafeeira, a produção exportável do Brasil foi suplantada por uma de outra região (no caso pela África), fato êsse aliás, que deve se repetir na safra seguinte de 1964/65.

Em face dessa situação e a despeito dos ainda pesados estoques que são carregados — principalmente pelo Brasil — verificou-se, a partir de setembro de 1963, um movimento de alta nas cotações internacionais

QUADRO I
Situação Mundial do Café
em milhões de sacas de 60 kg

Países	Médias			Safras Comerciais			
	1953/54 a 1957/58	1958/59 a 1962/63	1959/60	1960/61	1961/62	1962/63	1963/64(2)
I — Produção Exportável							
Brasil ⁽¹⁾	16,4	26,6	37,9	23,8	29,7	21,8	14,8
Colômbia	5,8	6,8	7,0	7,0	6,8	6,5	6,3
Fedecame	6,7	8,5	8,7	8,1	9,5	8,9	8,9
África	7,3	12,6	12,0	13,3	11,8	15,3	15,3
Ásia e Oceania	1,2	2,0	1,7	2,4	2,1	2,3	2,5
Total	37,4	56,5	67,3	54,6	59,9	54,8	47,8
II — Importações							
Estados Unidos	19,8	23,2	22,1	22,4	24,5	23,8	...
Europa	12,3	17,8	17,0	17,8	18,5	20,2	...
Outros	2,9	3,7	3,5	4,0	4,0	4,2	...
Total	35,0	44,7	42,6	44,2	47,0	48,2	50,0
III — Diferença (I — II)	+ 2,4	+ 11,8	+ 24,7	+ 10,4	+ 12,9	+ 6,6	— 2,2

FONTES: Bureau Pan-Americano de Café, Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, "Complete Coffee Coverage" e I. B. C..

(1) Retirando-se da produção registrada o total destinado ao consumo interno.

(2) Dados preliminares ou previsões.

de café, que se desenvolveu simultaneamente com uma intensificação nas importações mundiais nos últimos meses de 1963,

provocando inclusive um aumento nas cotas previstas pelo Convênio Internacional de Café.

SITUAÇÃO NO BRASIL E EM SÃO PAULO

Como tradicionalmente ocorre, coube ao Brasil uma parcela ponderável dos fatores que determinaram essa mudança na situação mundial do produto. Aliás, cabe ser mais uma vez salientado que uma análise mais precisa da situação do café no Brasil é bastante dificultada pela demora e mesmo inexistência de estatísticas oficiais, principalmente a respeito do volume de estoques, tanto em poder do Governo, como em mãos de particulares, bem como sobre o volume de vendas feitas pelo I. B. C. de cafés destinados ao consumo interno e industrialização. Os últimos levantamentos dos estoques em poder do Governo referem-se ao início da safra de 1961/62 (montavam então a 49,0 milhões de sacas) e em data um pouco posterior — 31 de março de 1962 — quando foi procedido a um levantamento mais detalhado, tendo sido constatada a existência de 53,1 milhões de sacas.⁽¹⁾ Levando-se em conta êsses elementos e baseados em dados oficiais e officiosos do I. B. C. e em previsões sobre os dados omissos, apresentamos no Quadro II uma estimativa da situação estatística do café no

Brasil que nos permite uma visão mais objetiva do problema.

Por êsses elementos verifica-se que apesar da contínua elevação que vinha ocorrendo nos estoques de início da safra o suprimento do ano cafeeiro de 1963/64 foi inferior aos das duas últimas safras, devido à menor produção verificada. Essa situação, aliada às boas exportações constatadas nesse último período, determinou uma redução ainda mais significativa nos estoques finais. Assim, em 30 de junho de 1964 deve-se ter um estoque em torno de 56,9 milhões de sacas, inferior em 5 milhões ao existente há um ano atrás.

Dêsse modo, na safra entrante, deveremos ter uma queda sensível no suprimento de cafés brasileiros, tanto em vista dos menores estoques iniciais, como principalmente pela reduzida produção, motivada pela forte geada que atingiu em início de agosto os cafêzais paranaenses e pela intensa estiagem que castigou severamente os cafêzais de São Paulo e demais Estados cafeeiros. Assim, as primeiras previsões da colheita paulista indicam uma produção de apenas 2,1 milhões de sacas,

(1) Segundo se noticiou, os estoques em poder do I. B. C. em 31 de março de 1962, eram assim constituídos: — café de mercado, tipo 7 para melhor: 36 milhões de sacas; café de consumo interno: 12,1 milhões; cafés da série retida reversível: 4,4 milhões e café expurgo: 600 mil sacas.

QUADRO II

*Situação Estatística do Café no Brasil
em milhões de sacas de 60 kg*

<i>Itens</i>	1959/60	1960/61	1961/62	1962/63	1963/64
1 — Estoque inicial	24,0	44,0	51,7	57,0	61,9
2 — Produção registrada	43,8	29,8	35,9	28,3	21,5
A — SUPRIMENTO (1 + 2)	67,8	73,8	87,6	85,3	83,4
3 — Exportação exterior	17,9	16,1	17,4	16,9	19,8
4 — Consumo interno ...	5,5	5,5	5,7	6,5	6,7
5 — Industrialização ...	0,4	0,5	0,5	—	—
6 — Eliminação de expurgo	—	—	7,0	—	—
B — CONSUMO GERAL (3+4+5+6) ..	23,8	22,1	30,6	23,4	26,5
C — ESTOQUE FINAL (A+B)	44,0	51,7	57,0	61,9	56,9

FONTE: I. B. C. — Informações oficiais e previsões.

sendo o total brasileiro estimado em cerca de 9/10 milhões de sacas. Em vista, porém das exíguas colheitas esperadas, os agricultores retiveram parte de suas produções, o que deve elevar o total a ser registrado, na safra de 1964/65, a 13/14 milhões de sacas. Admitindo-se êsse cálculo, teríamos, então, uma disponibilidade total em torno de 70 milhões de sacas, inferior em 13,4 à verificada na safra anterior. Em face dessa situação, produção plenamente insuficiente para atender o consumo, devemos terminar a safra de 1964/65, com estoques bem mais reduzidos que nas últimas safras, em torno talvez de uns 43/45 milhões de sacas, em nível só atingido há 5 anos passados.

Os fatores que determinaram essa favorável alteração na situação estatística apresentam,

no entanto, um aspecto negativo, pois a redução ocorrida nas safras se resume numa quebra sensível no rendimento agrícola, cujos prejuízos, do ponto de vista dos lavradores individuais, dificilmente poderão ser compensados por aumentos nos preços internos do café. Assim, na safra de 1964 deverão, em São Paulo, ser obtidos apenas 135 kg por hectare (menos de 11 arrôbas ou 2,7 sacas de café beneficiado por 1 000 pés) em confronto com os 517 kg por hectare (41 arrôbas por mil pés) conseguidos na colheita de 1963. De outro lado, a anterior deterioração que vinha ocorrendo na situação estatística ocasionara reflexos danosos no nível de preços recebidos pelos cafeicultores e portanto nas rendas brutas e líquidas do café. A êsse respeito, pode-se dizer que os preços reais do café (em

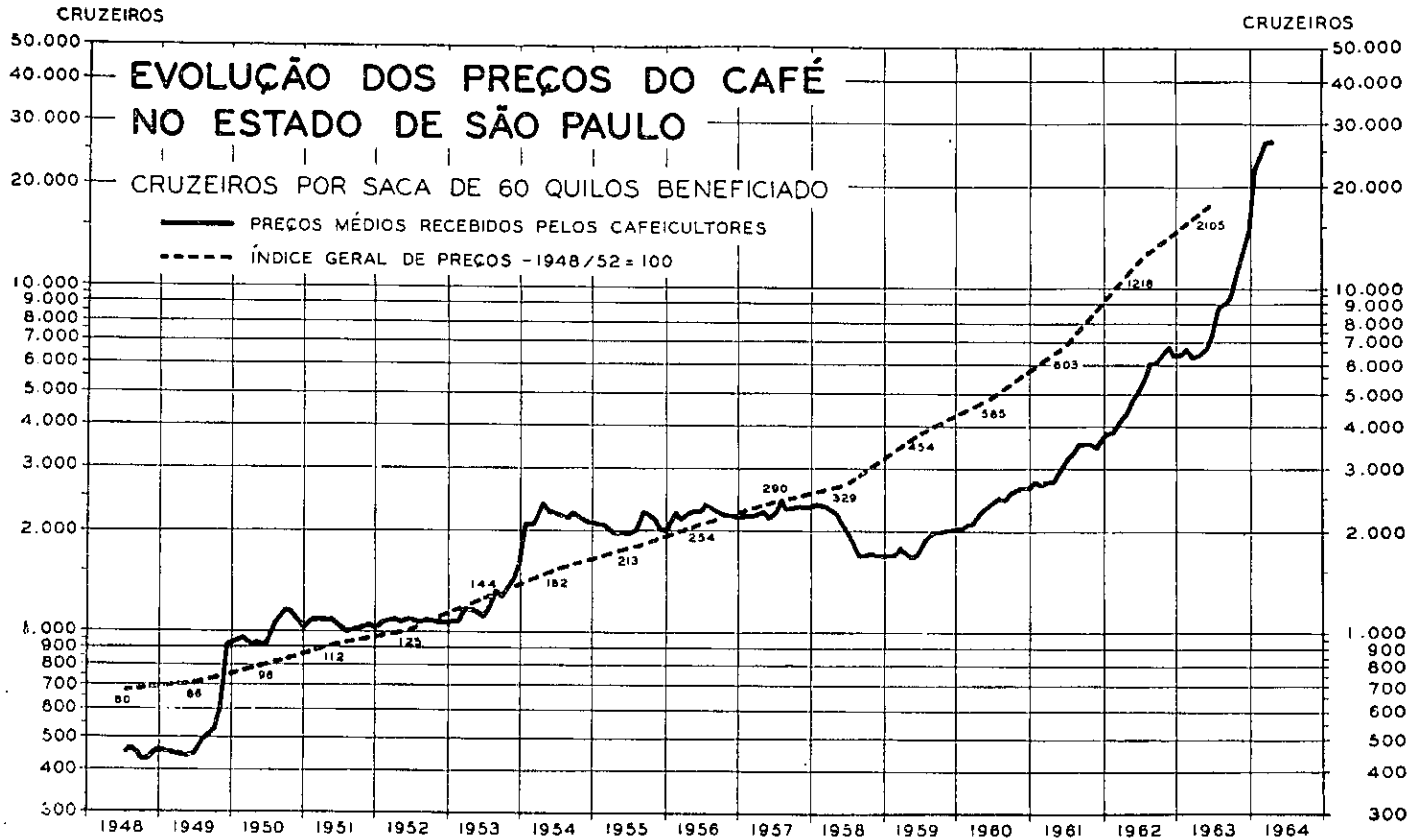
QUADRO III

Evolução dos Preços de Café no Interior de São Paulo

Média de quinquiênios e anos	Preços médios recebidos pelos lavradores				Índices de preços Agrícolas em S. Paulo			Índice ge- ral de preços no Brasil(1)
	Preços correntes		Preços em moeda de valor constante		Geral	Geral	Produtos	
	Cr\$/60 kg	Índices	Cr\$/1948/52 por 60 kg	Índices	(24 prod.)	sem café (23 prod.)	alimentícios cons. interno (12 prod.)	
1948/52	838	100	838	100	100	100	100	100
1952/57	2 060	246	963	115	226	218	236	217
1958/62	3 200	382	469	56	618	735	810	678
1954	2 200	263	1 200	143	204	176	190	182
1955	2 130	254	1 000	119	231	220	241	213
1956	2 280	272	898	107	259	252	271	254
1957	2 360	282	814	97	283	285	301	290
1958	1 720	205	523	62	282	319	351	329
1959	1 930	230	425	51	370	438	487	454
1960	2 590	309	443	53	516	617	661	585
1961	3 570	426	445	53	726	874	930	803
1962	6 190	739	508	61	1 198	1 425	1 620	1 218
1963	10 500	1 253	499	59	1 956	2 300	2 550	2 105

FONTE: Divisão de Economia Rural.

(1) Calculado a partir do "índice 2" da "Conjuntura Econômica".



moeda de valor constante) depois de acusarem ganhos ponderáveis em 1954 e 1955 vinham perdendo substância ano após ano, sendo de notar que nem mesmo os ponderáveis aumentos de preços (em termos de moeda corrente) verificados, em média nas últimas safras — Cr\$ 10 500 na safra de 1963 contra 6 190 cruzeiros na de 1962 e 3 570 em 1961 — foram em proporção suficiente para alterar de forma mais significativa essa tendência. Assim, os preços reais médios obtidos em 1963 foram apenas 59% dos auferidos em média no período de 1948/52 (veja Quadro III e Gráfico 1). Aliás a situação de inferioridade dos preços internos do café pode ser melhor avaliada pela comparação de seus índices de preços correntes (1 253 em 1963) com o Índice Geral de Preços no Brasil nesse mesmo ano (2 105) e com o Índice de Preços Agrícolas de São Paulo, especialmente quando se retira o café de seu cálculo: 1 956 e 2 300 respectivamente (veja Quadro III). E estariam em desvantagem ainda maior se compararmos com a evolução dos preços dos “produtos alimentícios de consumo interno” da agricultura paulista, que em 1963 apresentou um índice de 2 550, sempre em relação ao mesmo período básico de... 1948/52.

Aliás, só mesmo as acentuadas altas ocorridas nos últimos meses, principalmente de janei-

ro para cá, é que representaram uma recuperação efetiva nos preços do café, pois os Cr\$ 26 500 conseguidos pelos lavradores em suas vendas em março último, expressos no valor da moeda de 1948/52 representam cerca de 775 cruzeiros, ou seja cerca de 92% do conseguido, em média, pelos cafeicultores no citado quinquênio.

Por essas comparações se evidencia que os preços internos de café estavam em situação muito inferior aos demais produtos agrícolas, não tendo acompanhado a evolução determinada pela situação inflacionária que vem afetando nossa economia.

Essa situação aliás, vinha provocando um acentuado desinteresse pela lavoura cafeeira, o que pode ser constatado pelas massivas erradicações verificadas. Assim, de acordo com dados levantados pela Divisão de Economia Rural, no Estado de São Paulo foram eliminados 455 milhões de pés de café em 1962 e 1963. Para o Brasil, segundo dados do GERCA, até fins de 1963 já tinham sido abrangidos 587 milhões de pés pelo programa de erradicação daquele órgão, sendo de notar que é ponderável a eliminação não incluída no citado programa (em São Paulo de um total de 455 milhões de pés eliminados, 210 milhões, ou seja cerca de 46% foram erradicados dentro dos programas do GERCA.⁽²⁾

(2) Os dados referentes à erradicação dentro do programa do GERCA dizem respeito ao período de julho de 1962 a dezembro de 1963.

No entanto, apesar dessas erradicações, o total de cafeeiros existentes no Brasil devem ainda montar a cêrca de 3 bilhões de pés, dos quais 1 300 milhões

no Paraná e 770 milhões em São Paulo, cafeeiros êsses que devem produzir, em anos normais, colheitas em tôrno de 30 milhões de sacas.

POLÍTICA CAFEIEIRA PARA A NOVA SAFRA

Considerando a situação estatística acima exposta, tanto no setor mundial como no interno, pode-se destacar alguns pontos de importância ao se tratar da política a ser indicada para a nova safra.

a) *Política cafeeira externa* — Embora nestes meses de véspera e início de safra de pequena produção seja pouco provável um movimento de preços descendentes no mercado mundial, deve-se salientar que em vista das características já bem determinadas — posição dominante do Brasil no mercado mundial, inelasticidade dos preços do café na grande maioria dos mercados — é de todo o interesse para a economia do País a efetivação de uma política de sustentação dos preços mundiais do produto. Aliás, a medida que a safra de 1964/65 for ocorrendo e caso não se verifiquem novas condições adversas para a futura colheita de 1965, poderá o mercado acusar situação favorável à declínio de preços. Assim, ressalta-se a importância da tomada de medidas visando impedir movimentos anormais dos preços mundiais do produto, quer no setor interno por um efetivo sistema de garantia de preços e pelo contrôle dos negócios de exportação, como no âmbito do

“convênio internacional”, contribuindo-se para a fixação de adequadas cotas de exportação. As recentes alterações que se verificaram nos preços do café e na receita cambial só vieram mais uma vez comprovar que a mudança no nível das cotações mundiais do café atua de maneira muito sensível no valor global de nossas exportações, o que significa prejuízos apreciáveis para a economia da Nação em decorrência da queda significativa nos preços do café.

b) *Política cafeeira interna* — Apesar da intensa erradicação de cafeeiros que se verificou nos últimos anos, deve-se reconhecer que fatores ocasionais — condições climatéricas desfavoráveis por dois anos consecutivos — são os principais responsáveis pela drástica diminuição ocorrida na produção brasileira no último biênio. Assim, a melhoria que se verificou na posição estatística pode se mostrar passageira e na ausência de novos contratemplos, e com a vigência de preços mais favoráveis poderemos voltar brevemente a uma fase de contínuas acumulações de estoques.

Face essa situação e paralelamente à instituição do novo regulamento de embarques e esquema financeiro da nova sa-

fra, deve o Governo Federal formular uma política cafeeira mais ampla e a mais longo prazo. Essa política que poderia ser instituída através do GERCA (Grupo Executivo de Racionalização da Cafeicultura), deveria inclusive visar o controle da produção, procurando-se evitar a repetição de novas "corridas" para o café. Assim, poder-se-ia, inicialmente, impor severas limitações ao plantio de novos cafezais, chegando-se mesmo à proibição da formação indiscriminada de novas plantações em zonas reconhecidamente desfavoráveis. Deveriam ser apenas permitidos plantios em substituição aos cafezais erradicados e somente nas zonas previamente aprovadas como recomendáveis, podendo inclusive se prever a cessão de "direitos de plantio" de uma zona desfavorável para as aconselháveis. Ao mesmo tempo, procurar-se-ia, estabelecer condições mais atuantes de erradicação (através de maiores estímulos ou pela diminuição do crédito de custeio) para os cafezais localizados nessas zonas desfavoráveis ou que se apresentam normalmente em precárias condições de produção. De outro lado, dever-se-ia atuar positivamente no incentivo ao estabelecimento de uma cafeicultura racional fundada principalmente nas zonas de produção mais aconselháveis.

No entanto, a efetividade dessas medidas fica ainda muito

na dependência das perspectivas de rentabilidade que a cultura apresentar. Em outras palavras, as decisões dos lavradores em procederem a essas eliminações ou mesmo para estabelecerem novas plantações irão ficar, em grande parte, vinculadas ao nível de preços que prevalecerá para o café. Embora se deva reconhecer que em vista da possível transitoriedade da atual situação estatística, seria desaconselhável a concretização de uma acentuada melhoria de preços, também a sua fixação em níveis baixos, além dos efeitos prejudiciais sobre o setor agrícola pela acentuada diminuição da renda da cafeicultura, terá um efeito danoso mesmo para as lavouras de mais alto rendimento que terão o seu trato prejudicado, o que é ainda mais grave no corrente ano agrícola. Isso porque os lavradores diminuirão o investimento de capital na forma de adubos, máquinas, combate à erosão, etc., ocorrendo, portanto, um decréscimo generalizado de produtividade, o que em última análise significará prejuízo para a economia do País.

Como se vê, a determinação do nível de preços a prevalecer para o café e que é ponto de maior importância no delineamento da política cafeeira, constitui questão bastante complexa. Em anos normais, uma análise das despesas de produção em lavouras de diferentes níveis de produtividade⁽³⁾ tem

(3) Veja "Agricultura em São Paulo", n.ºs 7/12 — 1963, págs. 8-12; maio de 1962, págs. 12 a 15 e maio de 1961, págs. 37-56.

se constituído em elemento de grande valia para essa determinação. Nesses anos, de um modo geral, tem se proposto preços que permitam a manutenção de lavouras com produtividades normais em tórno de 50 arrôbas por mil pés. E a esses preços propostos, as lavouras de menos produtividade ficavam em condições desvantajosas, enquanto que as lavouras de maior rendimento apresentavam condições para uma mais adequada remuneração aos fatores de produção empregados. Neste ano, no entanto, como já foi salientado um preço nessas condições seria altamente insatisfatório, dada a generalização de baixos rendimentos agrícolas, ficando assim em condições desfavoráveis de remuneração uma faixa muito larga de cafeeiros. E isso em uma safra em que ocorreram altas significativas no custeio, tanto no referente aos preços de utilidades compradas como principalmente no setor de mão de obra que usualmente representa cêrca de 50 a 65% do total das despesas diretas, conforme o tipo de lavoura. Pelos elementos apresentados no Quadro IV pode-se avaliar as modificações de preços que ocorreram nos últimos anos. Além disso, deve-se salientar que a entrada em vigor do "Estatuto do Trabalhador Rural", vem acarretando novos encargos e dificuldades aos empresários agrícolas, não só pelo aumento de salários, mas também pela necessária adaptação que tem de ocorrer nas relações entre empregadores e empregados.

Assim, pode-se considerar que para a safra de 1964/65 se deva adotar um preço que atenda pelo menos as lavouras de 25 arrôbas por mil pés. Os dados apresentados no Quadro IV e no Gráfico 2 fornecem elementos para essa determinação. No Gráfico em questão, além das linhas de rendas brutas por mil pés, obtidas a vários preços de café no interior e a vários níveis de rendimento agrícola, são apresentadas curvas de custos de produção de dois tipos de lavouras — sem adubação química e com adubação. Além disso, na faixa superior do Gráfico foram incluídas curvas de remuneração, em que se admite um pagamento considerado "mínimo razoável" aos fatores utilizados no processo produtivo, ou seja, ao capital, terra e ao empresário agrícola.

Pela observação do citado Gráfico chega-se a conclusão que um preço entre 35 e 40 mil cruzeiros por saca de café beneficiado, permite cobrir as despesas de produção de uma lavoura de 25 arrôbas, deixando uma margem pequena para a remuneração aos fatores. A medida que o nível de rendimento for melhor se conseguiria um montante maior para mais adequada remuneração aos fatores empregados. E nas lavouras de baixo rendimento, conforme o caso, não se disporia de recursos nem mesmo para cobrir as despesas de produção, como se vê no Gráfico 2 na linha referente às lavouras de 12,5 arrôbas por mil pés que tenham estrutura de custo semelhante à apresentada.

QUADRO IV

Valores de Diversos Itens de Custo na Produção de Café

Itens	Média nas safras		Em abril de 1964	Aumento em relação à safra 1962/63	
	1962/63	1963/64		Safra 63/64 %	Abril 1964 %
<i>C r u z e i r o s</i>					
a) <i>Em lavouras de 25 arrôbas por 1 000 covas:</i>					
Despesas com mão de obra(*)	38 900	101 100	—	160	—
Despesas gerais de produção(**)	65 500	174 700	—	167	—
Despesas gerais da produção mais remuneração aos fatores(***)	131 000	294 900	—	125	—
b) <i>Em lavouras de 50 arrôbas por 1 000 covas:</i>					
Despesas com mão de obra(*)	45 500	123 300	—	171	—
Despesas gerais de produção(**)	103 600	244 100	—	136	—
Despesas gerais de produção mais remuneração aos fatores(***)	180 200	377 100	—	109	—
c) <i>Itens diversos:</i>					
Diária de trabalhador	445	1 255	1 525	182	243
Burro	32 000	45 000	72 400	41	126
Carroça	40 000	65 000	80 000	62	100
Saco de colheita	200	500	800	150	300
Sulfato de amônio	37	45	85	22	130
Superfosfato simples	23	30	50	30	117
Cloreto de potássio	41	46	80	12	95

FONTE: Divisão de Economia Rural.

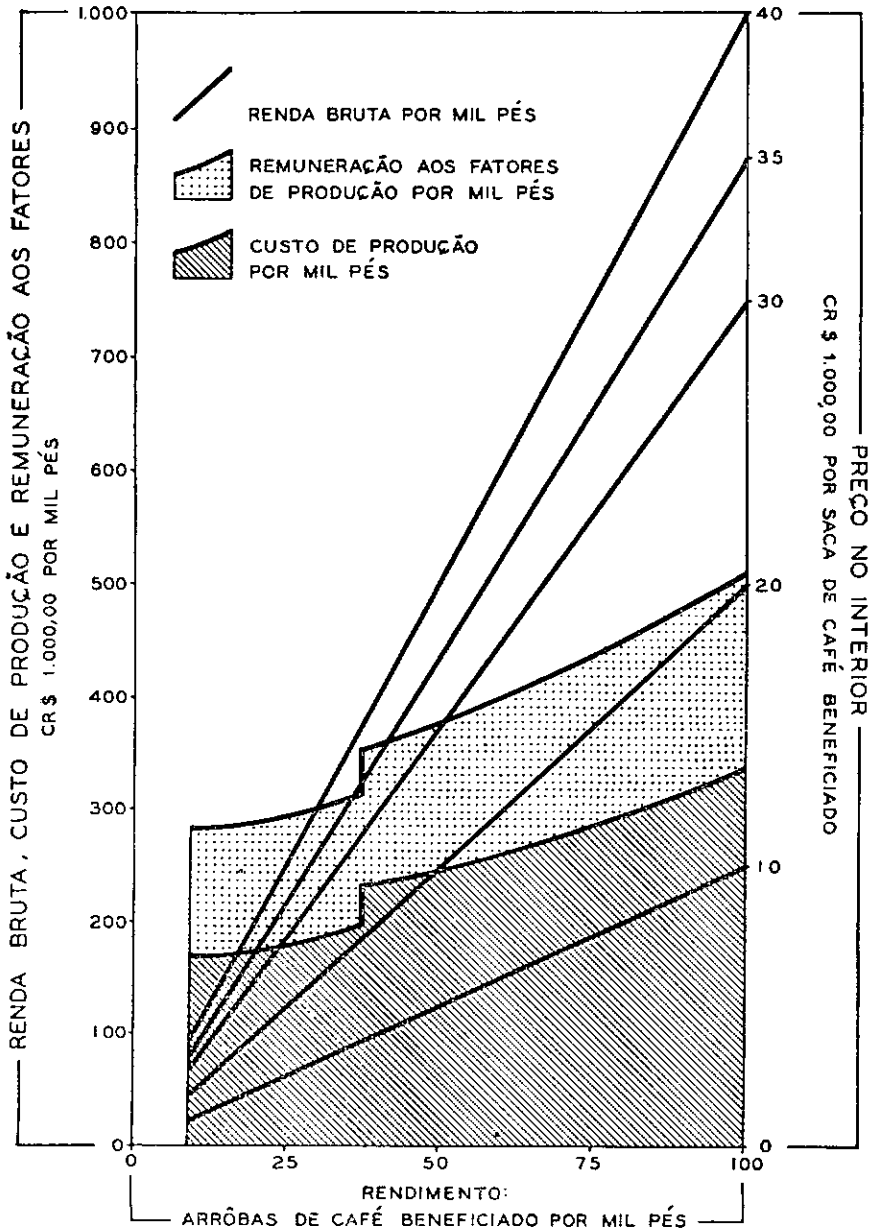
(*) Mão de obra empregada na lavoura.

(**) Inclusive beneficiamento do café nas máquinas e mão de obra empregada na lavoura.

(***) Fatores: capital (fixo e de exploração), empresário e terra.

C A F É

RENDA BRUTA, CUSTO DE PRODUÇÃO E REMUNERAÇÃO
AOS FATORES A DIVERSOS NÍVEIS DE RENDIMENTO E
PREÇO - 1963/64



DIVISÃO DE ECONOMIA RURAL - SECRETARIA DA AGRICULTURA

Assim, uma vez estabelecido o preço base, dentro da citada variação, poder-se-ia determinar preços para as várias qualidades e para os cafés das duas principais zonas do País, ou se-

já, a zona de melhor qualidade — São Paulo, Paraná e Sul de Minas — e a de pior qualidade — Espírito Santo, Estado do Rio e Zona da Mata em Minas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como medida imprescindível ao pleno funcionamento do sistema de defesa dos preços no mercado interno (e de fundamental importância no exterior), o I. B. C., a exemplo da última safra, deverá desde o início da safra estar presente no mercado (portos e Interior), adquirindo os vários tipos de café aos preços previamente estipulados para o final da safra, podendo-se prever tabelas de

defasagens (conforme os meses) para as compras antecipadas. Dêsse modo, ter-se-ia um preço mínimo efetivo no Interior, o que é essencial para se obter maior sucesso na estabilização das cotações externas, porque coloca um limite na possibilidade dos exportadores fazerem ofertas cada vez mais baixas quando ocorre uma temporária paralização nas vendas externas.